

# ***Fake news* e vacinas: mineração textual na era da pós-verdade**

**Cristianne Maria Famer Rocha**

Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Liciane Costa Dresch**

Professora do Instituto Porto Alegrense e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Mateus Aparecido de Faria**

Técnico-administrativo em Educação, Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais

**Diogo Rocha Preto**

Enfermeiro da Prefeitura Municipal de Gravataí, RS

## **Resumo**

A produção e a disseminação de notícias falsas ou *fake news* no campo da saúde têm crescido e comprometido a capacidade dos agentes públicos e dos cidadãos para atenuar os efeitos danosos que elas podem causar. De abordagem qualitativa, este texto busca analisar, através de um *software* de mineração de dados (palavras), os discursos classificados como *fake news* sobre vacinação, disponibilizados pelo portal do Ministério da Saúde do Brasil, chamado “Saúde sem *Fake News*”. Foram selecionadas as notícias classificadas como falsas nesse portal e submetidas a uma ferramenta de mineração textual chamada SOBEM. Um dos temas mais recorrentes foi a vacinação (produção de vacinas, efetividade das estratégias de vacinação e eventos adversos pós-vacinação). Considerando-se a importância que este tema possui no campo da prevenção em saúde, urge que sejamos capazes de estabelecer mecanismos de regulação sobre a produção e o compartilhamento de notícias falsas.

## **Palavras-chave**

*fake news*; comunicação e saúde; saúde coletiva; vacina

## **Introdução**

A sociedade contemporânea é ávida pela busca de informações dinâmicas e gratuitas relativas a diferentes campos do saber. As redes sociais, amplamente difundidas na atualidade, passaram a ter um papel facilitador na disseminação de informações, propiciando que qualquer pessoa ou usuário possa compartilhar, interagir, produzir e publicar diferentes notícias e opiniões (SACRAMENTO, 2018).

A capacidade do usuário para distribuir essas produções pluraliza as discussões, permitindo amplo debate sobre diferentes fatos e notícias publicados nas redes sociais. Com isso, a internet torna-se, também, um espaço para disseminação de notícias falsas, as *fake news*. Para Chadwick (2017), *fake news* podem ser definidas como “ações deliberadamente fabricadas e apresentadas como não ficção com a intenção de induzir os destinatários a tratar a ação como um fato ou como um fato verificável duvidoso”. O termo ganhou evidência a partir de 2016, em meio à campanha presidencial de Donald Trump, nos Estados Unidos.

A possibilidade do usuário comum se tornar um produtor de conteúdo é apontada como um dos motivos para que as redes sociais tenham sido tomadas por um grande número de *fake news* ou boatos, distribuídos e compartilhados entre diferentes usuários. Esse fato nos levou à era da pós-verdade. Este termo (*post-truth*, na língua inglesa) relaciona-se a circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais. Há, sobretudo, uma indiferença com a verdade dos fatos, não afetando as preferências ou julgamentos dos indivíduos (D’ANCONA, 2018).

Em relação à saúde, informações distorcidas ou equivocadas podem impulsionar riscos reais para a população. O apelo sobre curas milagrosas ou ainda a distorção sobre o uso de algumas medicações, alimentos ou procedimentos podem fazer com que usuários propaguem estas informações como verdadeiras, sem a capacidade/possibilidade de averiguar se são fatos reais ou quais riscos trazem para a saúde. Para Castiel e Vasconcellos-Silva (2017), a avidez consumista pelas informações *online* em saúde produz comunidades que buscam a cura ou a prevenção de doenças, em espaço paralelo ao tradicional saber biomédico. Sobressai a necessidade da manutenção da verdade individual, em detrimento da informação científica consolidada.

Enquanto os excessos de informação permeiam as redes sociais, há também a falta da capacidade cognitiva e interpretativa que leva à criação e propagação de *fake news*. Assim, conforme Delmazo e Valente (2018), esta desinformação pode atingir um novo estágio, uma vez que os compartilhamentos possibilitados pelas redes sociais podem facilitar a veiculação de notícias falsas que induzem ao erro, resultando em rápidos efeitos na área da saúde. Dados errôneos e com grande poder de persuasão, além de informações equivocadas, podem levar a “diversos comportamentos e atitudes geradores de risco, seja pela indução ao uso de tecnologias inadequadas, como medicamentos e vacinas sem indicação, ou, no outro extremo, pela recusa a tecnologias e medidas de proteção necessárias” (HENRIQUES, 2018).

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar, através de um *software* de mineração de dados (palavras), os discursos classificados como *fake news* sobre vacinação, disponibilizados pelo portal do Ministério da Saúde do Brasil, chamado “Saúde sem *Fake News*” (<http://portalms.saude.gov.br/fakenews>). Segundo descrito:

Para combater as *fake news* sobre saúde, o Ministério da Saúde, de forma inovadora, está disponibilizando um número de WhatsApp para envio de mensagens da população. Vale destacar que o canal não será um SAC ou tira dúvidas dos usuários, mas um espaço exclusivo para receber informações virais, que serão apuradas pelas áreas técnicas e respondidas oficialmente se são verdade ou mentira. Qualquer cidadão poderá enviar gratuitamente mensagens com imagens ou textos que tenha recebido nas redes sociais para confirmar se a informação procede, antes de continuar compartilhando. O número é (61) 99289-4640. (BRASIL, 2018)

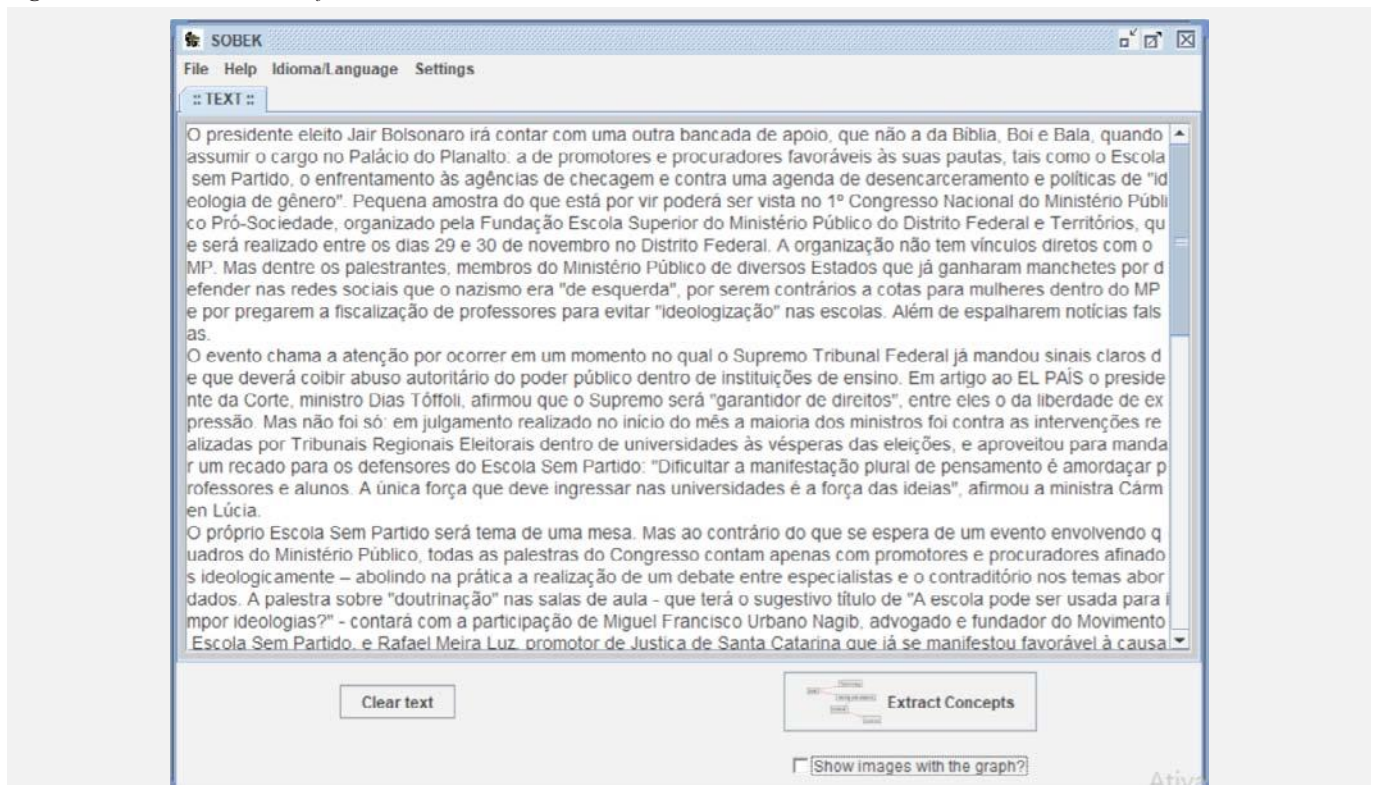
## Metodologia

Neste estudo, com delineamento qualitativo, foram selecionadas, no portal “Saúde sem *Fake News*”, as notícias falsas sobre vacinação. Após a seleção manual das notícias, procedeu-se à análise das mesmas, através da mineração textual, um processo computacional que realiza a análise de um ou mais textos, buscando informações relevantes, conceitos e termos recorrentes (COSTA; REATEGUI, 2012). Para a mineração textual, foi utilizada a ferramenta SOBEK, criada em 2007, pelo Programa de Pós- Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGIE/UFRGS), para auxiliar os professores do ensino a distância a avaliarem o trabalho dos alunos feito de forma colaborativa. A partir daí, vem sendo incorporada em diversas estratégias analíticas, como avaliação de *post* de alunos, ferramenta de aprendizagem baseada em projetos com recomendação de conteúdo e jogos digitais, entre outros.

A ferramenta tem como principal funcionalidade a construção de uma rede de conceitos, a partir de um texto, utilizando um algoritmo que realiza uma análise estatística dos termos presentes no texto e selecionando-os a partir do valor absoluto de sua ocorrência. Este modelo de mineração textual, chamado *n-simple distance*, leva em conta também as relações de proximidade entre os componentes do texto, ligando cada termo estatisticamente relevante a “n” subsequentes palavras também relevantes.

Essa análise proporciona uma estrutura organizadora, semelhante a um mapa conceitual, tipo grafo, que apresenta “nós” com os termos encontrados. Estes “nós” são editáveis, bem como as relações entre eles. A ferramenta consegue realizar buscas na internet, associando imagens aos termos encontrados (COSTA *et al.*, 2017). A operacionalização da ferramenta é simples: pode ser realizado o *download* do texto ou utilizado o próprio *site* onde o mesmo se encontra. O texto a ser analisado deverá ser selecionado, copiado e colado na janela da ferramenta. A partir disso, é dado o comando para “extrair conceitos” e o grafo é gerado, conforme apresentado a seguir:

Figura 1: Tela de trabalho do *software* SOBEK.

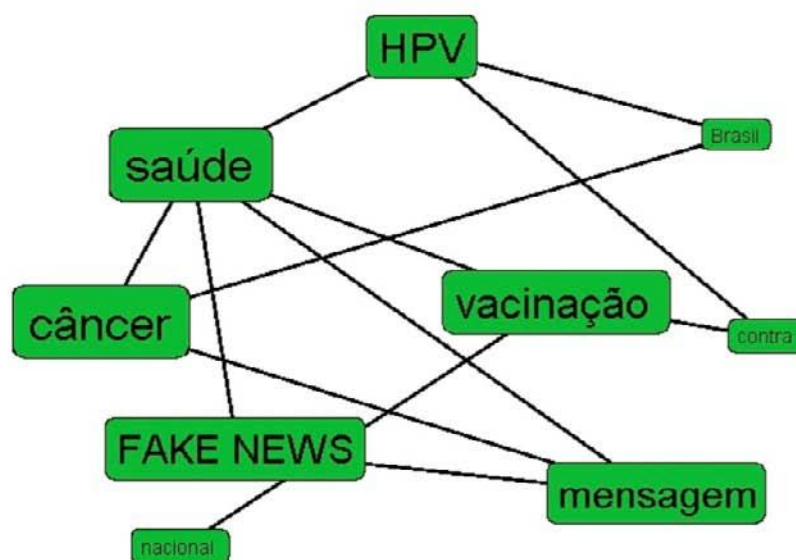


Fonte: Elaboração Própria, 2018.

## Resultados e Discussão

Em um primeiro momento, foi realizada a busca no portal “Saúde em *Fake News*”, sem determinar um tema, com a finalidade de identificar quais assuntos eram os mais recorrentes. Foi indicado o período de 1º de janeiro a 25 de novembro de 2018 e foram encontradas 28 notícias; destas, 26 eram indicadas como “falsas”, segundo o Ministério da Saúde. Ao submetermos as 26 notícias falsas à ferramenta SOBEK, foi gerado o grafo a seguir, com os termos mais recorrentes:

Figura 2: Análise pelo modelo de mineração textual *n-simple distance* do corpus.



Fonte: Elaboração Própria, 2018.

Observou-se que um dos temas mais recorrentes era vacinação: produção de vacinas e efetividade das estratégias de vacinação, assim como os eventos adversos pós- vacinação, tal como se pode ver nos títulos de algumas dessas notícias – classificadas como “falsas” pelo Ministério da Saúde e publicadas no portal:

- As novas vacinas ainda causam autismo e os governos sabem
- Vacinas obrigatórias: o que há por trás disso? Elas são confiáveis?
- Vacina anti-câncer: RINS E PELE. Boas notícias são para compartilhar
- Japão: vacina contra o HPV sob julgamento devido a horríveis efeitos colaterais

O grande problema das *fake news* no campo da saúde é que estas podem gerar sentimentos confusos nas pessoas. Segundo Henrique (2018), elas podem distorcer aquilo em que as pessoas acreditam, mesmo depois de serem desmascaradas. Dados de cobertura vacinal recentes contra a poliomielite demonstram uma cobertura

de 94,41%, enquanto a meta recomendada pelo Ministério da Saúde e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) está em 95%. No que se refere à vacinação, um estudo de Ribeiro, Franco e Soares (2018) buscou identificar se os profissionais da saúde conheciam o termo *fake news* e se identificavam quais os motivos de recusa à vacinação dos usuários. Concluíram que os profissionais conheciam o termo e identificavam que parte das pessoas que se recusavam a receber vacinas acreditavam em alguma notícia que tomaram conhecimento relacionando as imunizações com aspectos negativos.

Obviamente que a questão das baixas coberturas vacinais deve ser analisada por vários pontos de vista, como disponibilidade dos insumos, fornecimento, condições de armazenamento, recursos humanos para aplicação, horários de funcionamento das unidades de saúde etc. Porém, não se pode ignorar o papel que as *fake news* também exercem na decisão das pessoas. O que tem acontecido pode ser chamado de dupla epidemia: a desinformação das pessoas, facilmente cooptadas por informações falsas revestidas de elementos convincentes, e o aumento de doenças até então controladas, pelo menos relativamente, como febre amarela, caxumba e rubéola (HENRIQUES, 2018).

## Conclusão

O cenário crescente de *fake news* em saúde tem ampliado a discussão sobre as consequências deste fenômeno a médio e longo prazo no cenário brasileiro. Diversos são os temas ou boatos sobre saúde abordados pelas *fake news*. Contudo, a temática da vacinação mostrou-se frequente na pesquisa realizada. Desta forma, a produção de conteúdos sobre saúde na era da pós-verdade, sobretudo no que tange às campanhas de imunização, pode proporcionar distorções e potenciais riscos à saúde, seja pela recusa significativa, por parte da população, ao uso de vacinas ou pelo inadequado destas. Por se tratar de um fenômeno ainda recente, é imperativo que estratégias sejam pensadas para que a produção e o compartilhamento de notícias falsas em redes sociais possam ser cada vez mais desnaturalizados, através do equilíbrio entre a rapidez do consumo de informações e seus devidos filtros cognitivo-interpretativos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde sem Fake News**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portals.saude.gov.br/fakenews>>. Acesso em: 29 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sistema de Informações do Programa Nacional de Imunizações**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://sipni.datasus.gov.br/si-pni-web/faces/inicio.jsf>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

CHADWICK, P. Defining fake news will help us expose it. *The Guardian*, 12 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/commentisfree/2017/may/12/defining-fake-news-willhelp-us-expose-it>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

COSTA, A. P. M. et al. Emprego de um software baseado em mineração de texto e apresentação gráfica multirrepresentacional como apoio à aprendizagem de conceitos científicos a partir de textos no Ensino Fundamental. **Ciência & Educação**, v. 23, n. 1, p. 91-109, 2017.

COSTA, P. S. C.; REATEGUI, E. B. Oportunidades de letramento através de mineração textual e produção de *fanfictions*. **Rev. bras. linguist. apl.**, v. 12, n. 4, p. 835-860, 2012.

D'ANCONA, M. **Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news.** Barueri: Faro Editorial, 2018.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. *Fake news* nas redes sociais *online*: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

HENRIQUE, D. Habilidade cognitiva e vulnerabilidade às notícias falsas. *SoCientífica*, 31 mar. 2018. Disponível em: <<https://socientifica.com.br/habilidade-cognitiva-e-vulnerabilidade-as-noticias-falsas/>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

HENRIQUES, C. M. P. A dupla epidemia: febre amarela e desinformação. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 12, n. 1, p. 9-13, 2018.

RIBEIRO, B. C. M. S.; FRANCO, I. M.; SOARES, C. C. Competência em Informação: as *fake news* no contexto da vacinação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2018.

SACRAMENTO, I. A saúde numa sociedade de verdades. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 12, n. 1, p. 4-8, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). Grupo de Estudos Gtech.Edu. **Mineração de texto educacional.** Porto Alegre, 2018. Disponível em: <[http://sobek.ufrgs.br/uploads/2/3/3/9/23394804/sobek\\_quick\\_reference\\_guide\\_pt.pdf](http://sobek.ufrgs.br/uploads/2/3/3/9/23394804/sobek_quick_reference_guide_pt.pdf)>. Acesso: 30 nov. 2018.

VASCONCELLOS-SILVA, P.R.; CASTIEL, L. D. Mercado e consumo de panaceias na internet: a cura silvestre para o bom selvagem. In: SACRAMENTO, I. (org.). **Mediações comunicativas da saúde.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

